

Formação de Professor em Contexto de Tecnologias Audiovisuais: leitura e produção de imagens

Mary de A ARAPIRACA

Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, 40.110-100, Brasil

e

Ana Paula T de ALBUQUERQUE¹

Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, 40.110-100, Brasil

RESUMO

O trabalho traz reflexões sobre formação de professores, considerando procedimentos de ensino e aprendizagem e suas relações com as novas tecnologias, com recorte para a leitura e produção de imagens. Entendendo que, no mundo contemporâneo, o avanço tecnológico tem afetado a dinâmica das relações sociais o que, conseqüentemente, implica em necessidades de mudanças nas relações e práticas dos sujeitos envolvidos nos processos educacionais, apresenta uma experiência acadêmica nas disciplinas Polêmicas Contemporâneas I e Polêmicas Contemporâneas II. Tal experiência foi desenvolvida no Projeto Salvador – Licenciatura em Pedagogia para Séries Iniciais do Ensino Fundamental para professores em exercício nas escolas municipais de Salvador.

Palavras-chave: formação de professores, novas tecnologias, imagem, educação, audiovisual.

INTRODUÇÃO

E assim são os tempos atuais: imagens, imagens, imagens, o tempo todo alguém flagra um momento interessante, alguém envia e-mail com uma foto inusitada, ou de família, ou a novidade do momento. O tempo inteiro alguém deixa vestígios dessa nossa existência e distribui, rapidamente, pela internet, para milhares de pessoas. Assim a troca entre elementos culturais próximos ou distantes vão se entrelaçando no nosso dia-a-dia por um rápido e-mail, foto torpedo. Tudo isso, porque hoje lidamos com tecnologias eletrônicas, capazes de atuar sobre um universo de informações e de articular em um único sistema todas as outras tecnologias. A internet possibilitou a materialização de intercomunicações

entre pessoas de diversificadas partes, produzindo mudanças significativas na distribuição de funções e organização de processos sociais nas sociedades contemporâneas, o que Manuel Castells (1999) denomina de “sociedade em rede” [1].

Pensar nesse fato implica pensar na formação do professor, considerando que o universo virtual cria condições para processos avançados de produção e consumo de informações, mas por si só, não determina o desenvolvimento pessoal e social. Então, em que sentido essas mudanças nas relações com o saber, presentes na cultura digital vêm afetando a vida escolar? Como a escola básica se coloca frente aos avanços da organização em rede da cultura digital? Em que medida se vem mobilizando os estudantes das licenciaturas sobre a questão? O que, e de que forma os avanços da mídia eletrônica perpassam os currículos e as salas de aula de nossas escolas? Eis um desafio colocado para os professores que formam professores e para professores que lidam com crianças, adolescentes, jovens, adultos. Pensar nisso é pensar em Ildeu Coelho (2006, p.60) quando fala de universidade e formação de professores e aponta para

a construção de uma outra escola, verdadeiramente formadora de seres humanos, de sujeitos da cultura, do saber, do pensamento, dos sentimentos e da ação [...] (isso) exige um professor que a cada momento se faça trabalhador intelectual, alguém que pensa, compreende e trabalha para transformar a sociedade, a cultura, a educação, a escola, a universidade, a formação, o ensino e a aprendizagem; alguém que trabalha, não com saberes mortos, acabados, e prontos, a serem aceitos e consumidos, mas com saberes vivos, instigantes da inteligência, da

¹ Bolsista CNPq Brasil

imaginação e da sensibilidade de docentes e discentes. [2]

Hoje falamos de multiplicidade e os currículos tentam dar conta de tudo isso e muito mais em uma grade de seis a oito semestres. É grande o desafio de abarcar essa pluralidade e de corresponder ao “muito mais”, a que nos referimos, que em outras palavras significa o dar conta das novas tecnologias e, fazendo um recorte no nosso mote de estudo, o muito mais é também dar conta da experimentação a partir da criação e difusão de imagens e seu impacto nas nossas rotinas. Uma prática com imagem que possa ser elemento motivador para discussões acerca da multiplicidade de questões que estamos vivendo no cotidiano educacional. Seriam esses saberes vivos, instigantes de criatividade e aprendizagem?

1. PENSANDO EM NOVAS METODOLOGIAS DE PRODUÇÃO E LEITURA DE IMAGENS

Quando se fala de formação do professor vêm à mente as palavras de Nóvoa (2002, p.64), sobre formação continuada, mas que cabe também na formação inicial desse profissional que pretende atuar na escola:

É preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação contínua, instituindo novas relações dos professores ao saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, directamente articulados com a prática educativa. [7]

Pensando nesse tipo de formação, trazemos para o diálogo a perspectiva da imagem, como experimentação e como uma nova proposta pedagógica de trabalho, que junto às outras metodologias se inscreve como porta-voz das múltiplas culturas, múltiplos temas que podem e devem ser postos em discussão nos ambientes escolares, quer seja sobre as questões de cores, crenças, conhecimentos próprios de cada um, quer seja sobre conhecimentos enciclopédicos, direitos, deveres, enfim, temas que devem, por que não, serem tratados no âmbito educacional.

A referência ao uso de novas tecnologias não significa, aqui, apenas a apreensão da técnica, pois como bem coloca Paulo Freire (2001, p. 57),

a questão não são as técnicas em si mesmas – não que não sejam importantes -, mas a verdadeira questão é a compreensão da substantividade do processo que, por sua vez, requer múltiplas técnicas para atingir um objetivo particular. É o processo que leva à necessidade das técnicas que precisa ser entendido. [5]

Pensando nisso e alargando um pouco mais as referidas palavras, o entendimento como apropriação é muito importante no trabalho com as tecnologias novas e assim o resultado obtido a partir dele também será objeto de discussão, ou seja, fotografias, textos, vídeos, que são facilmente produzidos por conta da revolução tecnológica também serve para as discussões das questões cotidianas. O processo se dá pelo entendimento da própria técnica, do processo e do seu resultado. E, principalmente, o seu resultado ou a síntese do entendimento e do processo é repassado a outros, criando uma diversidade de entendimentos. Ora, caso se trabalhe com vídeo sobre um determinado tema, a pesquisa e o próprio fazer do vídeo já auxiliam na obtenção de um olhar mais investigativo e mais minucioso, o corte, o enquadramento, feito a partir de escolhas próprias levam o indivíduo que está experimentando a pensar rápido, tomar decisões, perceber os detalhes. Mas por que perceber os detalhes é tão importante?

Nesse momento as palavras de Cristina Costa (2005, p.21) cabem bem, quando ela fala no avanço tecnológico e traça uma breve história das comunicações e enfatiza que

a educação tem que rever o paradigma letrado e adentrar o campo das imagens e das linguagens tecnológicas para que possa ultrapassar as barreiras que separam duas culturas: eurocentrada, iluminista, e burguesa, baseada na escrita como forma de produção e controle de conhecimento; e outra globalizada, massiva, baseada em múltiplas linguagens e tecnologias de comunicação, dentre as quais se afirmam de forma hegemônicas meios audiovisuais. [3]

Ora, vivemos num mundo constituído de símbolos, signos. Cada imagem produzida carrega uma infinidade de signos que pode passar despercebidos a um ingênuo fazedor de imagens e

pode também passar despercebido a um espectador, mas, se um outro estiver atento aos detalhes simbólicos, pode produzir mudanças no conceito do objeto. Assim, o exercício de estar atento ao maior número de informações possíveis constitui-se em um dos eixos principais para a constituição de signos imagéticos. Seguido a isso, a criatividade é fator fundamental, pois de acordo com Miriam Leite (1998, p.41), com quem concordamos, “a imagem não explica. Convida a recriá-la e a revivê-la” [6]. Por que isso não pode transformar-se num convite para desvendar os aspectos e signos envolvidos nas imagens de culturas imbricadas nos processos de educação? E por que não aceitar o convite para criar e recriar realidades e culturas? Brincar com símbolos e signos, desvendá-los, recriá-los dentro de suas próprias concepções, não seria uma forma revolucionária de lidar educacionalmente com as imagens?

Em nossa experiência pessoal, essa prática acaba por ser um exercício de construção do olhar sensível. Cada vez que experimentamos o ver e o fazer imagens, nos deparamos com sua fluidez: a mobilidade das mensagens contidas nas imagens vai se modificando na medida em que ocorre uma maior intimidade com o exercício imagético. O olhar trabalha de forma mais aguçada, e as percepções da realidade dinâmica em que vivemos também tomam outra forma. Trazendo Miriam Leite mais uma vez para o diálogo:

entre a imagem e a realidade que representa, existe uma série de mediações que fazem com que, ao contrário do que se pensa habitualmente, a imagem não seja restituição, mas reconstrução – sempre uma alteração voluntária ou involuntária da realidade, que é preciso aprender a sentir ou ver. (LEITE, 1998, p. 40) [6]

Assim, a postura em relação às relações socioculturais é modificada a partir da decodificação de mensagens que talvez passassem despercebidas e, assim, uma posição mais crítica em relação ao mundo é estabelecida.

Pensar nesses processos é pensar em novas metodologias, em novas formações de professores que abarquem a instabilidade do tempo em que estamos inseridos, tempos nos quais as novas tecnologias estão sempre avançando, invadindo nosso cotidiano, sendo desejadas pelos sujeitos. Novas metodologias atreladas às novas tecnologias de produção e leitura de imagens implicam em trazer para a cena educacional o desejo, por que é

esse que move o sujeito e o impulsiona a acompanhar, nem que seja pela internet, e mesmo não tendo de fato o objeto real, mas dele ser conhecedor, com ele flertar.

Como já escreveu Felipe Serpa (2004, p.129) “certamente necessitamos de novas pedagogias que considerem o poder estruturante da imagem, fundindo-se realidade, ficção e imaginário” [8], juntando a isso a intenção de uma prática que atrele a flexibilidade à ‘grade’ curricular e que esta já seja plural desde a sua essência. Uma formação que trabalhe com elementos da vida real, presente e pulsante em cada indivíduo que participa dos processos de ensino aprendizagem, ou melhor, aprendizagens.

2. A PRÁTICA NA SALA DE AULA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Para tornar mais claro o que estamos defendendo, vamos considerar um curso de formação de professores que aconteceu recentemente na Faculdade de Educação da UFBA., o qual construiu o seu currículo a partir da demanda dos professores em exercício na rede pública da cidade. Denominado Projeto Salvador – Licenciatura em Pedagogia para Séries Iniciais do Ensino Fundamental, esse curso licenciou duas turmas em seis anos. Entrando um pouco na dinâmica de parte da estrutura curricular referente às disciplinas que trabalham com as novas tecnologias, suas práticas e discussões, observou-se que, por todos os semestres, as professoras puderam entrar em contato mais aprofundados com processos que a maioria de seus alunos já dominavam. Pouco a pouco, foram aprendendo a usar os computadores, foram se aproximando do universo da internet, ao tempo em que iam discutindo acerca do papel do computador nos espaços de educação, e questionando as políticas impostas na sua utilização nos espaços em que atuam.

Refletiram sobre os inúmeros laboratórios criados em suas escolas e a falta de preparação do professor para dar conta, adequadamente, da orientação do seu uso. Questionaram a precariedade das salas em que se instalam e de como uma simples ocorrência elétrica pode deixar um laboratório parado por anos. Questionaram o seu papel docente frente a um mundo repleto de possibilidades, que extrapola o livro didático, que escapa pelas paredes da sala, e que cria um diálogo próximo do estudante com o mundo e com o próprio professor. A certeza é que esses professores cursistas se aproximaram,

pouco a pouco, de algo que achavam que nunca poderia ser parte do seu fazer pedagógico.

Para exemplificar melhor, trazemos para a discussão duas das disciplinas que tiveram as novas tecnologias como suporte: Polêmicas Contemporâneas I e Polêmicas Contemporâneas II. Em Polêmicas Contemporâneas I, disciplina idealizada pelos professores Nelson de Luca Pretto e Mary de Andrade Arapiraca, que estiveram à frente da coordenação dos trabalhos com mais duas outras professoras, os cursistas puderam interagir com estudantes dos mais variados cursos da Universidade visando à discussão de temas diversos das educações, das ciências e das culturas contemporâneas, constituindo-se numa espécie de vazio quântico do currículo dos cursos de formação de professores em todas as áreas do conhecimento. Para desencadear o curso do Curso, os professores traziam para o debate um tema polêmico, a partir de uma exposição em forma de vídeo ou de mesa redonda com especialistas. Logo a seguir, o debate corria solto. A seguir, os professores apresentavam um elenco de temas e os estudantes apresentavam outros e, em volta deles, os estudantes se inscreviam, formando, assim, grupos de trabalho, com responsabilidade de produzir debates sobre temas polêmicos no mundo e nos espaços educacionais. Mas o que acontecia antes desses grandes momentos?

A pesquisa! Uma vez escolhido o tema, a pesquisa era realizada: na internet em revistas, livros, com pessoas. Depois que a equipe entendia bem o seu tema, fazia convites a pessoas que estavam discutindo tal tema: políticos, acadêmicos, representante de comunidades, membros de religiões... Enfim, dependendo do tema, as pessoas de opiniões diversas eram convidadas, e os debates transcorriam calorosamente. Mas isso faz parte do momento do auditório, a culminância, é preciso retornar ao momento de preparação para que se entenda o processo.

Durante toda a semana que antecedia o debate, a lista de discussão era alimentada com imagens, notícias e artigos sobre o tema escolhido, um vídeo era devidamente preparado para o dia das apresentações. Isso se dava pela consulta a filmes e sites dos quais a equipe selecionava as cenas e montava, de forma adequada a sua discussão em formato de imagem e som. Cartazes foram criados para a divulgação, em formatos criativos, para que as pessoas desejassem participar do evento. Uma chamada na rádio *Web* da Faculdade era outra forma de divulgação. E discussões no ambiente virtual do *moodle* eram alimentadas diariamente. No dias dos

debates, os participantes que se interessaram em interagir nos debates e leituras, alimentando mais ainda suas próprias crenças, desejos, convicções, colocavam seus pontos de vista num debate sempre frutífero. O respeito à opinião do outro era resguardado sempre e assim discussões acerca de religião, políticas educacionais para a infância, pirataria, violência, software livre ou proprietário, etc. foram desenrolando suas faces no auditório da Faculdade de Educação.

Alguns cursistas do Projeto Salvador levaram para suas salas essas formas de fazer e divulgar pesquisas escolares, através do uso da internet, cartazes, programas de rádio, ou seja, a aplicação de outros suportes para desenvolver as atividades de aprendizagem. A utilização desse suportes, além de ampliar o universo de informações dos estudantes, por certo, possibilita que a aprendizagem na escola se torne mais dinâmica, atual e até mesmo prazerosa. Fala-se tanto em práticas lúdicas, por que não colocar um jogo que acompanha o mundo dos estudantes, que lança mão de tecnologias? Não é o que tem discutido tanto hoje em dia? Ora, se as escolas hoje têm seus laboratórios de informática, televisões, CDs, DVDs, filmadoras, máquinas fotográficas, por que não usá-los para os processos de aprendizagem, informação, e ludicidade dos estudantes?

Diante do envolvimento dos cursistas do Projeto Salvador com a disciplina, no seguinte semestre, por solicitação desses, criamos Polêmicas Contemporâneas II, em versão um pouco diferente da primeira e que teve três professores na condução dos trabalhos, mas apenas um da disciplina anterior. Essa foi restrita a esses cursistas e sem mesa de debates. Os debates passaram para outro lugar: uma exposição, um jornal, dois blogs e dois documentários. Ficou resolvido explorar o trabalho com imagens a partir das novas tecnologias. Então um grupo retratou as mulheres, sua luta, suas paixões. Esse grupo saiu pelas ruas fotografando mulheres, antes anônimas, agora em exposição. Colocaram suas faces refletindo sobre as mulheres professoras do ensino público, dos primeiros passos dos estudantes, ou mesmo de quem parou de estudar há muito tempo e volta escola depois de muitos anos, ou mesmo de quem nunca pisou na escola. Lembrando dessa exposição e da dinâmica da disciplina, lembramos de Rosa Fischer (2008, p.28), quando esta escreveu que:

Em outras palavras, interessa-me pensar na mídia com 'trama de visibilidades' e de 'enunciabilidades' destes tempos, naquilo

que possa interessar à educação, questionando a bruta, fácil e suposta equivalência de palavras e coisas, a busca incansável a que muitas vezes nos propomos para encontrar os não-ditos ou as verdades recalçadas das coisas, o gozo vivido com nossos achados sobre o ‘verdadeiro’ sentido das imagens analisadas – como se assim replicássemos aquele movimento de mais uma vez fixar, esconjurando qualquer risco de escape, de fuga, de imprevisibilidade das coisas ditas e mostradas. O exercício que faço aqui é o de pensar a relação entre mídia e currículo, mídia e educação, por meio de uma modesta preocupação com fazer a história do presente, aceitando qualquer dialogar com os perigos contemporâneos, como escreve Foucault, sem procurar propriamente alternativas, mas desejando efetivamente navegar em meio a problematização. [4]

A exposição foi sobre essas mulheres e suas vidas, e os não-ditos mesclado aos gritos, sussurros. Uma exposição de mulheres de face ímpar e que, ao mesmo tempo, é próxima de todas as outras mulheres do mundo. A fotografia também invadiu os blogs. Um grupo resolveu pesquisar sobre álcool e trânsito e vídeos, fotos, artigos e depoimentos passearam pelas páginas da internet. Outro grupo pesquisou a própria escola pública. Os vídeos retrataram uma escola que fica numa comunidade de baixa renda, parte dos estudantes moram em palafitas. As professoras pesquisadoras ouviram seus pais, vizinhos e as próprias crianças, em busca de entender o processo de aprendizagem a partir da realidade e do cotidiano dos educandos. O outro tema versou sobre algo que até então não é bem resolvido nos espaços escolares: a acessibilidade de deficientes físicos. Foi realizada uma entrevista com uma professora e ela relatou suas dificuldades como cadeirante e as conquistas conseguidas até então. Refletiu-se sobre o quanto é ainda precária a acessibilidade, apesar de todas as verbações políticas das propagandas governamentais; a realidade ainda está longe das propagandas políticas de inclusão, não apenas no acesso de cadeirantes, mas, no próprio acesso às tecnologias, e tudo o mais que caracteriza o acesso à cidadania.

3. BREVE CONCLUSÃO

O ponto importante dessas questões trazidas aqui é que, por terem experimentado os sentidos da linguagem audiovisual no processo de produção de

conhecimentos sobre alguns temas e as possibilidades de aproveitamento dos recursos das novas tecnologias para a construção do diálogo crítico com esses temas, os cursistas descobriram a importância de levar para suas salas de aula essas outras perspectivas do fazer pedagógico. Por outro lado, como professores formando professores, entendemos que trazer essas outras metodologias tornam-se importantes para um alargamento da imagem da ‘sala de aula’ e de como ela pode transbordar para além das quatro paredes que cercam professores e estudantes.

Por outro lado, trazer à baila as políticas educacionais em forma de pesquisa, tendo como suporte fotografias e vídeos e, buscando exaustivamente o maior número de interpretações e opiniões possíveis, introduz uma forma lúdica e prazerosa de apreender e aprender velhas questões com novos suportes. A força da imagem evidenciada na maior parte das apresentações traz à tona a dinâmica que estamos vivendo hoje na contemporaneidade: imagens, imagens, imagens... Assim começamos o texto e assim o concluímos (pelo menos provisoriamente), pois as ações estão sendo filmadas e postadas em sites próprios o tempo todo, as coisas não tem mais a força de se esconder, a instantaneidade das informações constitui-se em imperativo no mundo, por nós, ora vivido.

Falar no “instantâneo” mundo em que vivemos é falar também no redobrar de atenção às informações veiculadas. É entender que os espaços de educação precisam lançar mão dessas novas tecnologias, desse número imenso de imagens que vemos para dele também ser crítico, para entender a manipulação que há por trás dos milhares de textos que nos chegam com suas informações nada verdadeiras, com imagens forjadas, com links que não são o que dizem ser. Falar do uso das novas tecnologias e usá-las, mergulhando em suas várias facetas, é se colocar de forma crítica sobre a questão.

Por fim, acreditamos que as políticas e os procedimentos de formação de professores devem incorporar o universo da comunicação audiovisual com duas atenções básicas: desenvolvimento do olhar crítico sobre os seus produtos e meios e cultivo do olhar sensível para a percepção, compreensão e análise da imagem e do som.

4. REFERÊNCIAS

[1] CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

[2] COELHO, Ildeu M. Universidade e formação de professores. *In* GUIMARÃES, Valter Soares (org). **Formar para o mercado ou para a autonomia? O papel da universidade.** Campinas, SP: Papirus. 2006

[3] COSTA, Cristina. **Educação, imagens e mídias.** São Paulo: Cortez. 2005 (Coleção aprender e ensinar com textos v.12)

[4] FISCHER, Rosa Maria Bueno. Imagens da mídia, educação e experiência. *In* FANTIN, Mônica; GIRARDELLO, Gilka. **Liga, roda, clica.** Campinas, SP: Papirus. 2008 (Coleção Ágere)

[5] FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

[6] LEITE, Miriam L. M. Texto Visual e Texto Verbal. *In*: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira. (Orgs) **Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.** Campinas, SP: Papirus, 1998.

[7] NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa. 2002

[8] SERPA, Felipe. **Rascunho digital: Diálogos com Felipe Serpa.** Salvador: EDUFBA, 2004.